



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

SOLANGE COELHO BATISTA

**OS MOTIVOS QUE LEVAM OS JOVENS E ADULTOS
A SE EVADIREM DA ESCOLA**

CAJAZEIRAS - PB

2008

SOLANGE COELHO BATISTA

**OS MOTIVOS QUE LEVAM OS JOVENS E ADULTOS
A SE EVADIREM DA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2008



B333m Batista, Solange Coelho.
Os motivos que levam os jovens e adultos a se evadirem da escola / Solange Coelho Batista.- Cajazeiras, 2008. 43f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Evasão escolar. 2. Fracasso escolar. 3. Educação de Jovens e adultos. 4. Evasão escolar - causas. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.212.8

SOLANGE COELHO BATISTA

**OS MOTIVOS QUE LEVAM OS JOVENS E ADULTOS A SE EVADIREM DA
ESCOLA**

APRESENTAÇÃO EM 05/04/2008

Maria Janete de Lima

PROF.: MS. MARIA JANETE DE LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

**CAJAZEIRAS
2008**

Quanto mais se aprende mais se quer ensinar.

Quanto mais se ensina mais se quer aprender

Içami Tiba

DEDICATÓRIA

Aos meus pais:

Na infância nos destes proteção e carinho;

Na adolescência compreensão e segurança;

Por toda vida Amor.

Hoje ainda uma vez mais forte dá de vossos!

Proporcionaste a conquista de um ideal

Ao Criador:

A Deus que nos dotou de bens morais e intelectuais, o desejo. Amá-lo sempre.

Aos Mestres:

Aqueles que tanto deram, instrumentaram, orientaram... E também sofreram para nos dá educação e instrução. A nossa maior gratidão e reconhecimento por tudo que fizeram e ainda fazem.

AGRADECIMENTOS

Viver no mundo de hoje é, em muitas situações, bastante desafiador, mas uma etapa da minha vida que consegui ultrapassar mesmo sabendo que a caminhada ainda será longa de agora em diante. Ao longo dessa jornada muitos amigos compartilharam dela e outros deixaram saudades, mas terei sempre a recordação de tudo que foi vivido. Assim, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que acompanharam na busca deste sonho. Agradeço primeiramente a Deus, que sempre me iluminou, não me deixando percorrer caminhos errôneos, aos meus pais Expedito e Francinete que são para mim um exemplo de pessoas e sem eles nada disso seria possível na minha vida; Aos meus irmãos Suely, Clediana e José sempre presentes na minha vida; a todos os meus parentes que mesmo de longe sempre torceram por mim, a todas as minhas amigas que sempre estiveram juntas mesmo quando eu não estava disposta, e em especial a uma grande amiga chamada Jorgiana Ferreira Bonifácio que conheci nesta minha jornada acadêmica, um exemplo de pessoa que mostrou que a amizade vai muito mais além do que eu pensava, obrigada amiga por muitas vezes ter me ajudado a levantar e seguir firme e em frente.

Em fim, quero agradecer a todos aqueles que fazem meu coração sorrir e para aquelas pessoas que encontro todos os dias e não tenho a chance de dizer tudo o que sinto olhando nos olhos, saibam todos que para mim não importa o que tenho na vida, mas quem eu tenho na vida... Por isso guardo todas as pessoas importantes da minha vida em uma caixinha dentro do meu coração.

Obrigada a todos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I - OS MOTIVOS QUE LEVAM OS JOVENS E ADULTOS A SE EVADIREM DA ESCOLA	12
1.1 O CONCEITO DE EDUCAÇÃO	12
1.2. CONTEXTO HISTÓRICO.....	14
1.3. EVASÃO ESCOLAR	15
1.4. AS DIFICULDADES DA PERMANÊNCIA DOS JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA	16
1.5. A CULPA PELO FRACASSO ESCOLAR	19
1.6 UM DASAPIO DE MILHÕES	20
1.7 A MÁ FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA ATUAR NA EJA.....	22
CAPITULO II – ANÁLISE DE DADOS.....	24
2.1 ESTUDO DE CASO	24
2.2. ANÁLISE DE QUESTIONÁRIO.....	24
2.2.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO PARA O COORDENADOR.....	24
2.2.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS ÀS PROFESSORAS	26
2.2.3. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.....	27
2.3. ANÁLISE DO ESTÁGIO.....	29
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
ANEXOS.....	40

RESUMO

O presente trabalho tem como tema: Os motivos que levam os jovens e adultos a se evadirem da escola, realizado na Escola Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto em São José de Piranhas - PB e tem a finalidade de identificar as causas que geram a evasão dos jovens e adultos frente aos programas e campanhas de alfabetização, pois esta pesquisa nos possibilita conhecer as ações desenvolvidas pelos coordenadores e professores para que os alunos possam adquirir a aprendizagem destas atividades com mais facilidade. No intuito de identificar estas causas, procuraremos desenvolver estratégias que venha a possibilitar uma melhor prática pedagógica, pensando no que os professores possam fazer para estimular a aprendizagem destes jovens e adultos que são pessoas que já trazem consigo um saber acumulado de décadas de vida e trabalho, que por um motivo ou outro evadiram da escola quando criança e que somente anos depois voltam para a escola para recuperar o tempo perdido, mesmo que esse tempo seja apenas dois ou três anos, mas que buscam uma educação diferente daquela de quando eram crianças, tornando-se assim uma educação renovadora, com novos subsídios, com mais eficácia contribuindo essencialmente com a formação dos nossos alunos.

Palavras-chave: Desafio, fracasso, evasão escolar, dificuldade, superação.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por tema: Os motivos que levam os jovens e adultos a se evadirem da escola e tem como propósito mostrar as causas que geram a evasão dos jovens e adultos frente aos programas e campanhas de alfabetização.

A opção pelo tema deu-se basicamente pela experiência que adquiri enquanto professora substituta pelo curto período do Educação de Jovens e Adultos – EJA na Escola João Ferreira de Araújo em São José de Piranhas - PB.

No decorrer deste pequeno período não pude deixar de me sensibilizar quanto à problemática que os professores enfrentam para colocar em prática os saberes que são indispensáveis ao desenvolvimento de um país voltado para a construção do conhecimento no qual, segundo Paulo Freire, "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender".

Vivemos em um país letrado, onde aquele que domina a leitura e a escrita exerce o poder sobre os que não a possuem. Uma sociedade que visa o favorecimento da classe dominante, por meio de sua ideologia, mascarando a realidade, oprimindo e explorando os dominados, na busca da manutenção de sua hegemonia.

Não é de hoje que a Educação de Jovens e Adultos tem espaço no texto da constituição o ensino primário extensivo aos adultos, também é assegurado pela LDB 9394/96. A questão do acesso ao ensino primário aos adultos tem espaço garantido no texto da constituição brasileira e é também assegurada pela lei de diretrizes e base (LDB).

A EJA trabalha inicialmente com jovens e adultos analfabetos ou semi-analfabetos, que se sustentam ou complementam a renda familiar vendendo balas, jornais, fazendo biscates, agricultores, que geralmente não precisam da leitura e escrita para exercerem seus trabalhos.

Hoje milhares de pessoas não sabem ler nem escrever, não conseguem ler uma carta, escrever um bilhete. Esta realidade nacional exclui grande número de jovens e adultos dos bens materiais e culturas produzidos, dificulta seu ingresso no mercado de trabalho, além do que estes cidadãos deixam de exercer seu direito, a cidadania, pois não participam efetivamente da

vida social não se identificando como sujeito histórico na construção de uma sociedade livre e igualitária.

Toda essa problemática proporcionará uma visão ampla acerca da Educação de Jovens e Adultos e sua inércia frente aos fatos sociais. Hoje visto os problemas enfrentados por se viver em um país tão rico, porém com tanta desigualdade social. Problemas esses, que tomam mais agravantes por não termos consciência do porque eles acontecem.

Erradicar o analfabetismo é de fato um desafio complexo, pois é notória a fragilidade do sistema educacional brasileiro, onde se requer políticas educacionais verdadeiramente comprometidas com uma educação crítica, voltada à formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, objetivando obter mudanças que nos leva a uma sociedade mais justa e igualitária, compreendendo o acesso à cultura letrada com um largo campo de trabalho, da política e da cultura, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal e coletivo.

A educação é um fenômeno que se impõe à vida do indivíduo, independentemente de sua vontade. A sua efetivação ocorre por caminho dos mais diversos, que produzem impactos e resultados também distintos. O adulto ou o jovem tem razão da consciência que possui sobre o mundo que o circunda, passa a identificar em si necessidade de educação, uma que lhe permite obter os conhecimentos ou habilidades que julgue necessitar para a concretização de seus objetivos de curto e longo prazo. Essa educação é desejada, não é a mesma para todas as épocas, nem para todas as idades; cada momento da vida das pessoas e cada tempo histórico exigem uma educação distinta no conteúdo e na forma, em virtude da própria função social da educação.

Assim tanto o indivíduo recebe educação desde que nasce, quanto à busca cada vez mais, de acordo com suas necessidades. Nas sociedades modernas, o padrão de educação recebido pelo indivíduo passa a ser um dos elementos determinantes para o tipo de inserção social deste. Na contemporaneidade, cobram-se das pessoas qualificações e efetividades dos conhecimentos em determinados campos do saber e tomou-se consenso admitir que boa parte dos conhecimentos e das competências hoje exigidas ao indivíduo é decorrente da formação escolar. Essa realidade faz com que o acesso à escola passasse a ser um desejo de todos, independente de realidades geográficas, gênero, idade ou classe social da qual a pessoa faça parte.

Para o jovem e para o adulto, a escola passou a representar a possibilidade de aquisição de conhecimentos capazes de os levarem a uma melhoria de emprego e da própria auto-estima (MEC, 1999: 42-43). Voltar a estudar, mesmo numa escola que se apresente precária em suas estruturas, é para muitos a retomada de um sonho, o sonho de viver dias melhores.

Portanto objetivamos analisar as contribuições dos programas e campanhas de alfabetização, pesquisar as causas que levam os alunos a evadirem da escola, identificar as dificuldades que os professores enfrentam em desenvolver as atividades propostas pelos programas e as contribuições por eles oferecidas.

O procedimento metodológico desta pesquisa teve um estudo de caso que visa identificar os motivos que levam os jovens e adultos a evadirem da escola, no intuito de identificar as causas, desenvolver estratégias que possibilitem uma melhor prática pedagógica que venha a diminuir com os problemas da evasão escolar.

Com o intuito de alcançar os objetivos propósitos, buscaremos informações diretamente com os sujeitos investigados através de pesquisa de campo. Utilizando como instrumentos de coleta de dados para a investigação entrevistas e o uso de questionário.

A pesquisa se deu na E. M. I. F. Instituto Antônio Lacerda Neto, com os professores que atuam no EJA e os seus respectivos alunos.

Este trabalho consta de três capítulos a onde o primeiro vem trazendo a fundamentação teórica estando ele subdividido em sete partes sendo: conceito de educação; contexto histórico; evasão escolar; as dificuldades da permanência dos jovens e adultos na escola; a culpa pelo fracasso escolar um desafio de milhões e a má formação dos professores para atuar no EJA.

No segundo capítulo vem trazendo análise de dados, onde abordamos os percursos metodológicos, seguindo para o desenvolvimento da pesquisa, especificando o método de coleta, os sujeitos participantes da instituição que nos acolheu para o desenvolvimento deste e os procedimentos de dados. O que está subdividido em três partes sendo estudo de caso,

análise de questionário aplicado aos professores, coordenadores e alunos e a análise do estágio.

Apresentamos os resultados obtidos na pesquisa, no período de aplicação do projeto de estágio compartilhados pelos professores e alunos sobre a evasão escolar para que desta forma possa a ver contribuir sobre as reais dificuldades enfrentadas pelo EJA e o terceiro capítulo consta das considerações finais.

Neste sentido observando as pesquisas e estudos, feitos sobre esta temática, percebemos que a evasão escolar tem sido o centro das discussões dos programas e campanhas de alfabetização tendo em vista de quem se preocupa com os rumos da educação no nosso país, visando melhorar a qualidade do ensino brasileiro.

CAPITULO I

OS MOTIVOS QUE LEVAM OS JOVENS E ADULTOS A SE EVADIEM DA ESCOLA

1.1 O CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Para melhor compreensão do que hoje se denomina por educação de jovens e adultos, iniciaremos por fazer algumas considerações sobre o conceito de educação, que, para Álvaro Vieira Pinto, pode ser definida como o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intento de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos (Pinto, 2000:30).

Para Carlos Brandão, a educação é uma marca das sociedades humanas. Sua natureza e dinâmica, plural, não segue um padrão único. Cada povo, qualquer época, toda classe ou grupo social vive em meio a valores, crenças, prioridades. E esse universo define princípios, estabelece razões, forja um determinado tipo de educação, de modo que não existe povo sem educação. A educação participa do processo de produção de crenças e ideais, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que em conjunto constrói tipos de sociedades (Brandão, 1985:11).

Talcott Parsons e Emite Durkheim vêem a educação como expressão de doutrinas de gerações mais velhas sobre as mais novas, baseadas em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade, efetivada através de instituições específicas: família, igreja escola, comunidade (Freitag, 1980: 18).

Parsons assim como Durkheim assegura Freitag, vêem a educação como uma ação de continuidade, de perpetuação da ordem, da harmonia e do equilíbrio que regem as sociedades com seus sistemas e subsistemas como um todo. Ela os critica pelo conservadorismo de suas posições, que não vêem na educação um fator de desenvolvimento e de superação de estruturas societárias arcaicas, mas sim como know-how necessário, transmitido de geração em geração, para manter a estrutura e o funcionamento de uma sociedade dada.

De nossa parte, mesmo que aqui traçássemos uma ontologia de todos os conceitos delineados sobre a educação, ou que tivéssemos encontrado uma definição precisa sobre ela, essa definição nunca se faria suficiente, tampouco universal, pois a educação é algo concreto, sua conceituação só se efetiva em sintonia com as condições nas quais o ato de educar se realiza. Sendo a educação um ato intencional que não existe no vazio, emoldurado por valores, ela se configura de maneiras diferentes, marcando a sua própria definição e essa não se esgota na visão de uns ou de outros. Sobre educação, há sempre aspectos válidos na visão dos autores, mesmo na dos que não seguem a mesma filosofia de raciocínio ou na dos que diferem de princípios.

O conceito de educação é também um conceito histórico, sua definição se ajusta a uma determinada situação, representativa de interesses, de épocas, de universos culturais. Um conceito de educação que se queira universal, atemporal, aplicável a qualquer gama de interesses ou motivações, pode se revelar também inútil, incapaz de orientar ações em situações concretas. Os conceitos nos devem ajudar a compreender fenômenos, para, através dessa compreensão, melhorarmos a prática educativa. Os conceitos sobre educação tanto nos ajudam a compreender o fenômeno da educação, como são datados e não são empreendimentos neutros, como neutro também não é educação, que é antes de tudo uma ação partidária, uma tomada de posições anti ao mundo. (Freire, 1988: 16-18).

Não há como separar a educação das formas de consciência, das instituições nas quais ela se realiza, das regras econômicas, e jurídicas que dominam uma determinada sociedade. A educação, mesmo quando reduzida a um fenômeno existencial, referida ao modo de como o homem ou de como a mulher, como indivíduos tornam-se a si, ela é sempre social, cultural e política.

Considerando os indivíduos componentes de realidades sociais históricas, estruturadas em regras políticas, econômicas, jurídicas e culturais em sociedades complexas, de classes antagônicas, faz sentido pensar que não existe um padrão educacional que possa ser assumido como ideal para todos. A realidade dos indivíduos, não sendo as mesmas, cobra uma educação que considere demandas específicas, próprias do universo desses indivíduos,

1.2. CONTEXTO HISTÓRICO

O grande desafio a ser enfrentado pelo poder público brasileiro é possibilitar a todos o acesso a educação escolar. Uma educação de qualidade para todos visando acabar com os altos índices de analfabetismo existentes no nosso país.

A LDBEN nº 9394/96 prevê que a educação de jovens e adultos se destina aqueles que não tiveram acesso (ou não deram continuidade) aos estudos no ensino fundamental e médio, na faixa etária de 7 a 17 anos, e deve ser oferecida em sistemas gratuitos de ensino, com oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características, interesses, condições de vida e de trabalho do cidadão.

A realidade brasileira mostra que aproximadamente 16 milhões de jovens e adultos são analfabetos, outros 33 a milhões caracterizam-se como analfabetos funcionais (IBGE 2000). Um índice alarmante que para ser modificado faz-se necessário garantir a oferta de educação escolar de qualidade, com propostas políticas - pedagógicas que atendam a suas especificidades, expectativas e necessidades, proporcionando aos jovens e adultos o acesso a sua permanência na escola, que lhes foi negado na idade própria ou que dela foram excluídos em decorrência de desigualdades de oportunidades.

A década de 1940 pode ser considerada como um período áureo para a educação de jovens e adultos. Nela aconteceram inúmeras iniciativas políticas e pedagógicas de peso. No final desta mesma década e início dos anos 1950, tornava-se uma necessidade promover a educação do povo para acompanhar a fase de desenvolvimento que se instalava nos países, era preciso mão-de-obra qualificada para atender ao crescimento industrial.

Os trabalhos de educação popular, em particular da alfabetização, foram na sua grande maioria inspirados nas idéias de Paulo Freire na chamada pedagogia da libertação ou pedagogia dos oprimidos. Para PAIVA, (1973, p. 252), o educador constituiu uma proposta de mudança radical na educação, partindo da compreensão de que o aluno não apenas sabe da realidade em que vive, mais também participa de sua transformação.

Nos meados dos anos 1960, a educação de jovens e adultos ganha destaque dentro das preocupações por parte do poder público e também da sociedade civil, centradas

principalmente nas bases teóricas de Paulo Freire, uma proposta conscientizadora, cujo princípio básico era: A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Em 1967, o Governo Federal organizou o movimento brasileiro de Alfabetização (mobral), iniciando uma campanha nacional maciça de alfabetização e de educação continuada para jovens e adultos.

Com o fim do período militar o mobral foi extinto e em 1985 ocorreu à implantação da Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos.

Em 1994 foi concluído o plano decenal, fixando metas para o atendimento de jovens e adultos pouco escolarizado.

Na LDBEN nº 9.394/96, a seção dedicada à educação básica de jovens e adultos, reafirmou o direito destes a um Ensino Básico adequado as suas condições, o dever do poder público de oferecê-lo gratuitamente, na forma de cursos e exames supletivos.

1.3. EVASÃO ESCOLAR

Apesar dos mais variados programas criados pelos governantes com a finalidade de acabar com analfabetismo, podemos perceber as dificuldades e deficiências em manter os alunos nas salas de aula, denunciando o caráter superficial do aprendizado e os altos índices de evasão.

Diante disso devemos repensar os programas destinados aos jovens e adultos não-alfabetizados, que iniciam com um alto índice de alunos matriculados, porém, eles não permanecem em sala de aula nos levando a questionar qual será a raiz desse problema.

Esse fenômeno da evasão, no qual os alunos matriculam-se, porém não dão continuidade aos estudos, nos levando a refletir sobre as possíveis causas de desistência: má qualificação dos professores, pois é notória a falta de matérias específicas para contribuir para uma formação teórica por partes dos educadores enfrentados desde a formação inicial.

Falta de credibilidade nos programas, ou pela tão famosa fala dos educadores, onde relatam que “papagaio velho não sabe falar”. Fala essa que de certa forma esconde o medo que

tem de estarem se expondo ao ridículo, ou está evasão estaria ligada a uma metodologia inadequada que foge aos interesses dos educandos, desconectada da sua realidade.

O que não pode sair de nossas mentes e que um aluno evadido da escola tem grandes possibilidades de ser reprovado na vida. Isto é fruto da realidade desigual que vivenciamos. E a escola tem encontrado dificuldades de resolver seus problemas de evasão e reprovação, fenômenos que constituem os principais entraves a progressão dos nossos alunos, atribuindo a muitos deles o status de excluídos.

Segundo Leandro Haertes citado na Revista Mundo Jovem

Um dos maiores desafios que a educação brasileira enfrenta atualmente é a inclusão de adolescentes e adultos na escola e também no mercado de trabalho. As recentes transformações no mundo do trabalho acabam por reconfigurar a sociedade especialmente em seus perfis econômicos e sociais.(HAERTES, 2004, p.11);

Nesse emaranhado de desafios em se tratando de evasão escolar dos jovens e adultos, temos que reconhecer que nossa educação é ainda deficiente tanto na formulação de políticas públicas eficazes para manter nossos alunos na escola como também no acolhimento de suas experiências significativas enquanto parte integrante do currículo escolar.

1.4. AS DIFICULDADES DA PERMANÊNCIA DOS JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA

Sabemos, pois que é bem mais difícil para o adulto analfabeto procurar ou permanecer na escola, porque em sua maioria fracassaram que esta escola lhes convenceu de que eram incapazes de aprender. Quantos destes adultos, quando crianças, foram convencidos e também suas famílias, de que não davam para o estudo, que eram burros.

Contudo, é preciso que o educador veja o educando como um sujeito ativo, que possui uma cultura, que trás consigo conhecimentos adquiridos na sua vivência diária GADOTTI (2000) mostra bem esta questão quando afirma que:

No mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-

econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular. (GADOTTI, 2000, p.32)

Isto significa que alfabetizar vai além do ensinar a decodificar letras e números, e antes de qualquer coisa aprender a ler o mundo, buscando compreendê-lo agindo sobre o meio que vive e transformando-o na busca de melhores condições de vida, exercendo sua cidadania, tendo consciência do seu papel na sociedade, cumprindo seus deveres e reivindicando seus direitos. Essas são metas que devem ser almeçadas pelos educadores junto aos educandos.

Os alunos precisam sentir prazer ao estudar, por tanto se faz necessário uma pedagogia que corresponda à expectativa dos alunos para assim construir uma escola cidadã, com mudanças de postura, de estratégias, de conteúdos despertando no aluno o interesse, a importância da educação como instrumento de liberdade.

De acordo com a Proposta Curricular que vem nos mostrando que:

O acesso à escolaridade deve proporcionar aos alunos jovens e adultos inseridos em sua sociedade letrada, a possibilidade de analisar, criticar e enfrentar questões que fazem parte do seu contexto. Mas isto não basta, é preciso também contribuir para sua formação intelectual, estimulando seu pensamento, seu raciocínio, para que possam transferir aprendizagem de uma situação a outra, abstraindo propriedades, fazendo generalizações, usando conhecimentos em novos contextos. (Proposta Curricular, 2001, p.89).

Desta forma poderá proporcionar uma melhor qualidade de vida, tornando-os críticos e curiosos compreendendo o acesso a cultura letrada como algo que possibilitara uma participação mais ativa no campo do trabalho, da política e da cultura, favorecendo o seu desenvolvimento pessoal e coletivo, pois para FREIRE (2001 p.40), (...) “Fazer a história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado”.

Daí, a necessidade do educador tornar-se capaz de construir o processo alfabetizador, compreendendo globalmente o que fazer e porque o faz, ver no educando um ser portador de cultura, de conhecimentos que foram por eles construídos ao longo da vida. Para FREIRE (1987):

Desta maneira o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridades" já não valem. (FREIRE, 1987, p.68)

Neste sentido o educador deve considerar o educando com o sujeito ativo no processo ensino aprendizagem, objetivos de uma educação voltada ao diálogo, a problemática e a conscientização.

Durante muito tempo, a alfabetização tem sido vista como um problema dos indivíduos. Se você não sabe ler ou escrever, então você é visto como um estúpido, incapaz ou preguiçoso, como se tivesse um defeito. As pessoas pensam que os iletrados são os culpados, desta forma são estigmatizados. É nesta linha de pensamento que HARA (1992) coloca que:

...Por ser a sociedade brasileira excludente e marginalizadora está impede que uma grande parcela dos indivíduos das camadas populares tenha acesso à escola ou quando consegue, não pode nela permanecer devido a todo tipo de adversidade que enfrenta em seu dia-a-dia, tais como: ocupação em posto de trabalho que exigem um enorme desgaste físico; péssimas condições de saúde e de moradia; distância entre moradia e local de trabalho, agravada pela precariedade do sistema de transporte. Desse modo, o tempo que lhe sobra para a escolarização é muito pouco, e quando tenta usá-lo, é vencido pelo cansaço, que se apresenta como um limite significativo. (HARA, 1992, p. 8-9)

Vê-se, portanto que na educação de jovens e adultos a evasão tem se mostrado mais cruel que na educação de crianças, os desafios encontrados são bem maiores. Pois as condições de trabalhador do aluno adulto e as características socioeconômicas que permeiam o mundo do trabalho na sociedade brasileira são mais cruéis. De acordo com FONSÊCA (1996, p.24), um dos fatores essenciais para entender a evasão, o fracasso na escolarização de jovens e adultos, já que a realidade social do jovem e do adulto das classes populares é marcada por sua inserção no mundo de trabalho.

Para esses autores que consideram os adultos não escolarizados como vítimas de um sistema seletivo e excludente, a forma como o sistema educacional está organizado e estruturado, como também, a sua forma de funcionamento, é um fator explicativo do fenômeno evasão escolar nas camadas populares.

1.5. A CULPA PELO FRACASSO ESCOLAR

Convém salientar que são muitos os adultos não escolarizados que se culpam ou se sentem responsabilizados pela sua não-escolarização. Isto acontece devido à baixa estima e os sentimentos de inferioridade que permeiam o universo dessas pessoas.

FONSÊCA (1996) afirma que:

Encontram eco no discurso ideológico dominante que ao ocultar as determinações sociais que produzem a sua exclusão acaba por colocar nas costas destes trabalhadores a responsabilidade por sua situação. Assim, esses trabalhadores terminam por incorporar suas percepções e representações, o discurso que atribui como natural a sua condição de subalternidade. Passam a crer que são mesmos menores e inferiores. (FONSÊCA, 1996, p.25-26)

A culpa ou a responsabilidade do indivíduo adulto pelo fracasso na escolarização, por ter abandonado a escola quando criança redonda numa auto culpa, trazendo para si toda a responsabilidade pelo seu fracasso, jamais culpa o sistema educacional ou a sociedade, até porque quando se fala em sociedade eles entendem como sociedade um simples meio ambiente, como uma realidade puramente física, sem conseqüências existenciais. Entretanto, a desvalorização da escolarização, por parte da classe popular, tem sido sistematicamente negada por vários estudiosos que atribuem o fracasso escolar nessa classe aos “efeitos dos mecanismos de seleção e exclusão do sistema educacional” (BRANDÃO et. al, 1984 p.150) e ainda, configurando a negação dessa tese, MELLO (1995) infirma que:

O álibi fácil segundo o qual “os alunos fracassam porque são pobres e suas famílias não valorizam a escola” são desmentidos facilmente pelas estatísticas. Mesmo os alunos que abandonam a escola tendem a fazê-lo após várias repetências, indicando que, apesar de condições de vida adversas, a população faz um grande esforço para manter-se na escola. (MELLO, 1995, p.47)

Ainda a esse respeito FERNANDO (2002, p.46) acentua que “a situação da pobreza, embora dificulte a sua aprendizagem, não determina, a priori, o fracasso escolar, este deve ser investigado no sistema sóciopolítico e econômico e na própria instituição escolar que, imersa neste sistema, absorve as suas limitações e contradições”. É nesta perspectiva que se tem orientado a maioria dos estudos que abordam a evasão e o fracasso escolar na educação de jovens e adultos.

No entanto vem se observando que o acesso dos jovens e adultos a escola vem sendo facilitado em decorrência de práticas escolares implementando pelos estados e municípios e também pelas iniciativas advindas da sociedade civil, muitas vezes com o apoio financeiro do poder público. Contudo, isso não tem assegurado a permanência do jovem e adulto na escola e, por isso, também, não se pode confundir nem tratar isoladamente o acesso e a permanência. Na educação de jovens e adultos, os números de evasão escolar que expressam o acesso sem permanência são alarmantes, atingindo, em muitos casos 50% dos alunos matriculados.

Embora o fenômeno da evasão escolar não seja exclusivamente da educação de jovens e adultos, constitui-se em uma marca forte dessa educação dirigida aos jovens e adultos. Na busca de uma explicação para tal, já se culpou o aluno, ora por ele ser “burro”, ora por ele estar cansado, com fome, carente, culpa-se também o professor remunerado; culparam-se também os métodos utilizados. Por serem inadequados, por utilizarem materiais retrógrados ou infantilizados onde não procura identificá-los como formas e saberes culturais cuja assimilação é essencial para a produção de novos conhecimentos. Desta forma não levando em consideração o envolvimento com as explicações, formas de raciocínio, linguagem, valores, sentimentos, interesses e condutas, ou seja, os métodos utilizados não estão sendo bem aplicados. Culpam-se também o sistema avaliativo, a seriação do ensino, o sistema de provas; culpam-se o governo pelo descuido com as escolas públicas ou para com a educação de um modo geral.

1.6 UM DSAFIO DE MILHÕES

Mas com tantas dificuldades, pode-se constatar, nos últimos anos, que cresceu significativamente os números de jovens e adultos matriculados no Ensino Fundamental, contabilizando em termos comparativos, uma das maiores taxas de crescimento em todo o sistema. Segundo KRUPPA (2002, p. 96) as matrículas evoluiu de 3.77.200 para 6.968.531 alunos de acordo com o censo escolar, no período de 2000 a 2003, com destaque para as regiões norte e nordeste.

Compreende-se, portanto que é um processo com muitos desafios, mas com o objetivo de transmitir uma educação de qualidade, que atenda aos interesses e as necessidades de

aprendizagem da grande população brasileira excluída de qualquer participação no sistema educacional do país. Uma educação que respeite os conhecimentos e as culturas das camadas populares e os grupos e classes sociais historicamente excluídas de qualquer participação efetiva, ativa e cidadã no destino e nos rumos do país. Busca-se assim, contribuir por meio da educação para transformar o Brasil, que até agora tem sido “um país de poucos, em um país de todos”.

Hoje, os analfabetos adultos que evadem da escola geralmente são pobres e vivem as margens da sociedade sem acesso a serviços sociais, a assistência médica, água potável e moradia. Pelo fato de serem pobres, ou de alguma forma, excluídos da sociedade, eles são basicamente marginalizados e deixados de lado.

Um dos maiores índices de evasão que se dá também pelo fato de que pais pobres muitas vezes querem que seus filhos os ajudem a ganhar dinheiro em vez de aprender a ler e a escrever. Conseqüentemente, as crianças crescem e acabam abandonando os estudos, tornando-se um adulto iletrado e novamente revivem o ciclo de pobreza e marginalização. Tal evasão é à base de muitos problemas sociais que afetam a sociedade. Isso deve ser considerado um problema geral, não simplesmente como um problema individual.

As pessoas alfabetizadas da sociedade devem ver que a evasão escolar é por muitas vezes causada pela injustiça social e que a injustiça deve ser encarada como um problema da sociedade e não como um problema individual. Sob este aspecto que CARRAHER, citado por FERNANDES acentua que:

A situação social e econômica das classes baixas é tal que os membros dessas classes não valorizam a educação, pois que não lhe atribuem valor prático e não podem permitir aos seus filhos o ‘luxo’ de uma educação prolongada diante de sua necessidade de empregá-lo precocemente para contribuir para o sistema de casa. (FERNANDES, 2002, p.45).

KRUPPA também dá sua contribuição a esse respeito. Segundo ela:

Educação de Jovens e Adultos (EJA), é coisa de países pobres ou empobrecidos. Ela existe porque existem excluídos, porque existem crianças cujo direito à educação foi negado pela própria condição de terem que usar sua infância para trabalhar, com pouco ou nenhum estudo, jovens e adultos trabalhadores ficam limitados a ocupações informais ou

subemprego, ou são os primeiros a serem demitidos quando as empresas querem cortar custos. (KRUPPA, 2005, P.31)

Cabe ressaltar que o aluno da EJA é antes de tudo um membro atuante da sociedade, não deve ser visto apenas como um trabalhador, mas sim como um ser pensante que tem um raciocínio extraordinário, cheios de personalidades que sobressaem, que dão forma expressa ao pensamento comum.

É nesta linha de pensamento que PINTO afirma que:

O educador tem de considerar o educando como um ser pensante. É portador de idéias e um produtor de idéias, dotado freqüentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente de em sua conversação, em sua crítica aos fatos, em sua literatura oram. O que ocorre é que em presença do erudito arrogante, “culto” (o “doutor”), o analfabeto se sente inferiorizado e seu comportamento se torna retraído. (PINTO, 1997, p.83)

1.7 A MÁ FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA ATUAR NA EJA

Sabemos, pois que os jovens e adultos são pessoas que já trazem um saber acumulado de décadas de vida e trabalho, que por um motivo ou outro evadiram da escola quando criança e que só, anos depois voltam para a escola para recuperar o tempo perdido, mesmo que esse tempo seja de apenas dois ou três anos. Mas que busca uma educação diferente daquela de quando eram crianças e isto em muitos casos não vem acontecendo. A não-qualificação dos alfabetizadores, ou de educadores habilitados em Educação Infantil, que são colocados para ensinar os jovens e adultos, que passam a tratá-los como crianças, tornando-se assim mais um motivo para a evasão escolar. Ainda sobre a má habilitação dos professores, HARA (1992) afirma que:

Desprovidos de material técnico necessário de condições mínimos de trabalho e de um corpo de conhecimentos que possa subsidiar os desafios impostos pela prática educativa, tais professores, a grande maioria leigos, são obrigados a aceitar o desafio de escolarizar adultos sem o mínimo preparo necessário ao bom emprego. (HARA, 1992, p.9)

Desta maneira, a não-qualificação de alfabetizadores para o trabalho com adultos tem sido destacados por vários autores com um sério problema enfrentado no processo de alfabetização

de adultos, tendo em vista a carência de instituições que prepare este alfabetizador. Desta forma, no trabalho de escolarização de adultos, quando este é empreendido pelas redes oficiais de ensino, é comum deslocar-se professores habilitados em cursos de magistério de educação infantil para a alfabetização de adultos, sem que para isto tenham sido preparados, confirmando assim a tese sustentada por TORRES (1990, p.15) de que:

Na verdade continua arraigada a idéia de que qualquer pessoa que saiba ler e escrever pode se converter em alfabetizador, assim como idéia de que qualquer educador é automaticamente, pelo fato de sê-lo – um educador de adultos. É típico que se passe a ver o professor da escola como depositário natural da tarefa de alfabetizar os adultos. (TORRES, 1990, p.15)

Compreende-se, portanto que o educador de jovens e adultos além de passar por uma capacitação específica deve ter em mente que os jovens e adultos são pessoas com outras experiências educacionais vivenciadas, já possuem uma “leitura de mundo” uma formação, só não sabem ler e escrever. Em termos de conhecimentos muitas vezes eles sabem coisas que o educador desconhece, o que lhe falta é ampliar esse saber, o conhecimento desse aluno em termos de instrução para que ele possa codificar e decodificar a linguagem escrita, interpretar a linguagem escrita, interpretar o que está escrito, saber registrar o que leu, formulando idéias, sobre um determinado assunto. E como diz um provérbio Chinês: “Aprende-se fazendo. Se ouço, esqueço; se vejo, me lembro; se faço aprendo”.

Segundo COUSINET, citado por RAMÍREZ (1975, p.29) por isso o educador deve “preparar um meio vivo, eficaz, como um sábio que prepara o seu laboratório a solução que permite a um organismo viver e se desenvolver”.

Todavia, gostaria de registrar algumas preocupações e também esperanças quanto aos entraves que permeiam a prática docente e que os desafios da contemporaneidade nos impõe sempre atitude construtivista da vida, refletidos em um dos critérios políticos da qualidade da educação, definidos na perspectiva de formação do sujeito ético, crítico e criativo, capaz de intervir de modo inovador e humano, na realidade e na sociedade.

CAPITULO II

ANÁLISE DE DADOS

2.1 ESTUDO DE CASO

A realização deste trabalho compõe-se de um estudo de caso, que segundo a obra MATOS (2001) identifica como uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados. Utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e conseqüentemente aprofundando seus aspectos.

Diferencia-se dos estudos quantitativos porque estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos (apud Matos, 2001). Trata-se uma forma de investigação bastante utilizada nos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona.

Este estudo foi realizado no período de maio a novembro de 2007, na escola Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto, localizado na cidade de São José de Piranhas – PB. Para que este estudo fosse realizado contamos com 13 pessoas, sendo 01 diretor, 01 coordenador, 02 professoras e 09 alunos envolvidos.

Iniciaremos nosso trabalho com o questionário a respeito do tema proposto: Os motivos que levam os jovens e adultos a se evadirem da escola, como instrumento usado para obtenção dos dados dessa pesquisa.

2.2. ANÁLISE DE QUESTIONÁRIO

2.2.1 Análise do questionário para o coordenador

Esta pesquisa foi realizada com a coordenadora municipal da EJA, da cidade de São José de Piranhas - PB.

A coordenadora tem pós-graduação em metodologia de ensino e trabalha a mais de 5 (cinco) anos com a EJA.

Entregamos um questionário contendo 5 (cinco) questões em que a primeira foi: Que tipo de projeto a escola faz para conter a evasão escolar na EJA? Ela respondeu que procura promover encontros de formação continuada e a prefeitura distribuí cestas básicas para alunos com 80% de frequência.

Com relação à segunda pergunta, perguntamos: No dia-a-dia como você lida com os professores e alunos da EJA? Ela respondeu que: temos um relacionamento muito bom, é gratificante ser parada por alunos na rua para ouvir relatos de como a escola esta tendo papel significativo na sua vida.

Ela refere-se aos benefícios que a escola trás para os alunos, onde eles começam a descobrir um novo horizonte cheio de novas descobertas.

Continuamos a entrevista e fizemos a terceira questão: De que material à escola dispõe para os professores da EJA? Segundo a coordenadora a secretaria busca fornecer material pedagógico aos professores e kit escolar para os alunos. Com relação à quarta questão perguntamos: Quais as medidas tomadas para a escola preparar e ingressar o aluno da EJA no mercado de trabalho? A coordenadora fez a seguinte indagação: Nossa realidade é bem especifica só atendemos a fase de alfabetização e da 1ª a 4ª série e em sua maioria são idosos.

Percebemos que a escola como um todo não prepara os alunos da EJA para o mercado de trabalho, tem só como objetivo alfabetizá-los, ensiná-los só a ler e a escrever e não dando oportunidade de ampliar os seus conhecimentos.

Por fim fizemos a quinta questão perguntamos Quais as principais dificuldades que você enfrentou na sua gestão? E como você solucionou? A coordenadora deu a seguinte resposta: A maior dificuldade, não só na esfera municipal, como também nacional, é não perceberem a EJA como prioritário, a questão política na questão de contrato de professores e a qualificação destes profissionais.

É notório a colocação da coordenadora, pois é nesta linha de pensamento que HARA (1992) afirma que:

Desprovidos de material técnico necessário de condições mínimas de trabalho e de um corpo de conhecimentos que possa subsidiar os desafios impostos pela prática educativa, tais professores, a grande maioria leigos, são obrigados a aceitar o desafio de escolarizar adultos sem o mínimo preparo necessário ao bom emprego. HARA (p. 9, 1992)

Como vimos a não qualificação de alfabetizadores para o trabalho com adultos tem sido um grande problema, pois o sistema político designa qualquer pessoa que saiba ler e escrever a se converter em alfabetizador, sem passar por uma capacitação específica. Tornando-se mais um motivo para a evasão escolar.

2.2.2 Análise dos questionários aplicados às professoras

Esta pesquisa foi realizada com duas (2) professoras da referida escola, sendo uma a professora “A” formada em Pedagogia e a professora “B” com Curso Normal e Ensino Médio, no período de maio a novembro de 2007, estes dados foram coletados através de conversas informais e de um questionário com 5 (cinco) questões. De acordo com a primeira questão perguntamos “Você encontrou algum desafio no EJA”? Quais? A professora “A” respondeu que alfabetizar jovens e adultos é um desafio enquanto que a professora “b” respondeu que sim a falta de material didático, dificuldade do aluno aprender. A professora “b” refere-se ao desgaste físico, distância entre moradia e a escola, cansaço do trabalho etc. É neste sentido que HARA (p. 9, 1992) coloca que “[...] Deste modo, o tempo que lhe sobra para a escolarização é muito pouco, e quando tenta usá-lo é vencido pelo cansaço, que se apresenta como um limite significativo”.

Com relação à segunda questão perguntamos: Quais são os tipos de metodologia que você usa para envolver os alunos nas atividades escolares? A professora “A” respondeu que procura trabalhar com a realidade de cada aluno e com a metodologia da interação social. Enquanto que a professora “b” respondeu que: uso dicionário, produção textual exercício de aprendizagem, leitura, roda de conversa etc.

Com relação à resposta da professora “A” resta esclarecer que os alunos precisam sentir prazer ao estudar, por tanto se faz necessário uma pedagogia voltada a sua realidade, é nesta linha de pensamento que a proposta curricular vem nos mostrando que:

O acesso à escolaridade deve proporcionar aos alunos jovens e adultos inseridos em uma sociedade letrada a possibilidade de analisar, criticar e enfrentar questões que fazem parte do seu contexto. (HARA, 2001, p.82)

A terceira questão foi: De que forma você auxilia os seus alunos? As duas professoras concordaram que é uma avaliação contínua, observações e exercício de avaliação.

A respeito da quarta questão perguntamos: Que contribuições você dá para evitar a evasão escolar em sua sala de aula? A professora “A” respondeu que usa textos reflexivos, roda de conversa, aulas recreativas e dinâmicas, enquanto que a professora “B” fez a seguinte colocação: procuro ser carinhosa e entendê-los, pois só assim evito que eles desistam.

Percebemos que ambas tem meios diferentes de conquistar os alunos, mas que tem a mesmo objetivo para evitar a evasão escolar.

A quinta questão perguntamos: De que forma você participa da construção do P.P.P da EJA? As duas professoras responderam que participam das reuniões de planejamento e confeccionamento do material didático.

Diante deste questionamento percebemos que cada professora tem o seu modo próprio de organizar suas aulas e de usar os meios pedagógicos necessário para um ensino de qualidade e meios criativos para a permanência dos alunos em sala de aula e que tem em mente que dos alunos da EJA são pessoas com outras experiências educacionais vividas, já possuem uma “leitura de mundo” uma formação, só não sabe ler e escrever.

2.2.3. Análise do questionário aplicado aos alunos.

Esta pesquisa foi realizada com 9(nove) alunos na referida escola no período de maio a novembro de 2007. Entre estes 9 (nove) alunos temos 8 (oito) mulheres e 1 (um) homem, com idade entre 42 e 78 anos, sendo que fazem a 2º serie e 1 (um) aluno faz a 4ª serie. A todos foram entregues um questionário contendo 5 (cinco) questões; De acordo com a primeira

questão perguntamos: A escola está lhe proporcionando um ensino satisfatório as suas necessidades sim ou não, caso a resposta seja sim, quais?

Todos os alunos responderam sim, sendo que 6 alunos alegaram que é a professora que é muito boa, 2 alunos responderam que é sempre bom estudar, e uma aluna indagou que das professoras que já passou por aqui está é a melhor, ela tem paciência em ensinar para agente.

Com relação a esta última citação da aluna, percebemos o quanto é difícil encontrar um alfabetizador que saiba trabalhar com adultos, que saiba ampliar os saberes e conhecimento destes alunos. É nesta linha de pensamento que TORRES (1990) destaca que:

Na verdade continua arraigada a idéia de que qualquer pessoa que saiba ler e escrever pode se converter em alfabetizador, assim como idéia de que qualquer educador é automaticamente, pelo fato de sê-lo – um educador de adultos. É típico que se passe a ver o professor da escola como depositário natural da tarefa de alfabetizar os adultos. (TORRES, 1990, p.15)

Dando continuidade à entrevista fizemos a 2ª questão e perguntamos: Você chegou a freqüentar a escola quando criança? Sim ou não. Quantos anos? Todos os 9 (nove) alunos responderam que sim, 5 (cinco) alunos responderam que freqüentaram a escola entre 4 a 5 anos e 4 (quatro) alunos responderam entre 1 a 2 anos. Convém salientar que muitos dos jovens e adultos não conseguiram permanecer na escola devido a vários tipos de adversidades que enfrentam no seu dia-a-dia, tais como: ocupação em posto de trabalho que exige um enorme desgaste físico. Desse modo o tempo que lhe sobra para a escolarização é muito pouco e quando tenta usá-lo é vencido pelo cansaço.

A respeito da terceira questão perguntamos: Você já freqüentou algum tipo de preconceito por não ser alfabetizado? Sim ou não. Quais? 8 (oitó) alunos responderam que não e apenas 1 (um) aluno respondeu sim, que ela era “BURRA”. Sentindo-se inferiorizada, uma pessoa diferente, um ser incapaz, um burro.

Sob esse aspecto FERNANDES (2002, p.79), acentua que: “É “burro” porque não aprendeu e porque não quer e não se interessa em aprender. Ruim não é não saber, e sim, não saber e não querer aprender...”

Com relação à quarta questão perguntamos: Quais foram os motivos que fizeram você a voltar para a escola? As respostas foram diversas, tais como: necessidade de emprego, fora sair de casa, para aprender a escrever uma carta, para deixar de melar o dedo de assinar o nome, para ficar mais prática nos estudos, para deixar de levar o nome de burra.

Finalizamos a entrevista com a seguinte questão: Cite algumas dificuldades que você enfrenta no seu dia-a-dia por não saber ler? Dos 9 (nove) alunos entrevistados 3 (três) responderam que não tem dificuldades, 2 (dois) tem dificuldades em ler as placas nas ruas; 2 (dois) em juntar as palavras, 2 (dois) têm dificuldades no mercado e em ler as bulas de remédios. Como vimos todos tem algum tipo de dificuldades e que vêm na escola uma forma de superar estas dificuldades.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CARUARU GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO DE PROFESSORES
BRUNO PEDAGÓGICA
CALLE IRABE, PARANÁ

2.3. ANÁLISE DO ESTÁGIO

O referido trabalho foi realizado no período de outubro a novembro de 2007, na Escola Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto, tendo como objetivo identificar as reais dificuldades encontradas pelos professores em manter os alunos da EJA na escola.

Este estágio foi desenvolvido em uma sala de multiseriado com alunos da 1ª, 2ª e 4ª série, com idade entre 42 a 78 anos de idade.

Começamos o nosso 1º dia trabalhando com conversas informais e relatos, aonde os alunos iam relatando experiências vividas. Alguns dando, mas ênfase para os pontos positivos e outros para os negativos, em um segundo momento pedimos que os alunos produzissem uma história inventada ou vivenciada tendo eles como ator principal. Nota-se que estes alunos são recheados de histórias lindas, cheias de fatos e experiências, uma cultura impar, um conhecimento do mundo extraordinário.

Nossa próxima atividade foi a propaganda de um livro e repórteres da leitura. A principio fizemos uma dinâmica em que um aluno fez o papel de um autor e fez bastante propaganda do seu livro com o intuito de vendê-lo mais. Esta dinâmica teve como objetivo trabalhar a timidez e desenvolver a criatividade do aluno. No segundo momento fizemos uma leitura de um texto e colocamos um aluno para ser o repórter fazendo perguntas para os colegas respeito

do texto lido, tendo como objetivo de estimular a autoconfiança do educando e de descontraí-se em público. Neste dia todos os objetivos foram atingidos, pois os alunos adoram as dinâmicas, ficaram a vontade para se expor, deixando agente feliz com mais um dever cumprido.

No dia seguinte trabalhamos com anúncios, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos dos educandos nas interpretações dos anúncios e identificar qual é o real objetivo dos anúncios. Para que isto acontecesse utilizamos vários tipos de anúncios encontrados em revistas, planfetos e confeccionamos um mural onde cada aluno fez o seu anúncio e fez uma pequena apresentação do seu produto anunciando. É uma forma de trabalhar a interação e não deixar a aula ficar monótona e repetitiva, tendo espaço para o dialogo e para compartilhar saberes, formando um sujeito ético, crítico e criativo, capaz de intervir de modo inovador e humano na sociedade, é nesta direção que REGO (1998) assinala:

(...) uma escola que as pessoas possam dialogar, dividir, discutir, questionar, compartilhar saberes. Onde, há espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade (...).(REGO, 1998, P. 118)

Nossa próxima atividade foi leitura e escrita através de cartas cada aluno escreveu uma carta para alguém da sala de aula e depois leu para todos os colegas ouvirem, desta forma puderam demonstrar o afeto, a amizade que eles sentem uns pelos outros. Este dia foi muito prazeroso, eles gostam muito de falar o que senti e neste dia puderam demonstrar de outra maneira, escrevendo tudo o que eles queriam, depois puderam dar vida o que escreveu lendo pessoalmente para o seu destinatário.

No dia seguinte Passado x Presente foi o tema da aula neste dia, começamos com uma roda de conversa, resgatando fatos importantes do passado dos educandos, cada aluno com sua história com suas experiências e fatos que influencia até hoje as suas vidas.

Os alunos adoram falar do passado mesmo que tragam lembranças tristes, mas eles conseguem superá-los transformando em ensinamento para que não cometa os mesmos erros no futuro.

Neste dia trabalhamos com convites, usamos a linguagem escrita e oral, iniciamos com confecção de convites e depois com convites orais, vencendo a timidez em falar em público, alguns alunos a princípio recusaram, mas quando os seus colegas começaram aos poucos eles começaram também. De modo geral eles gostam de aprender coisas que eles possam usar no seu dia-a-dia desta forma faz-se necessário que nós educadores veja os educandos como um sujeito ativo, que possui uma cultura, e que trazem consigo conhecimentos adquiridos na sua vivência diária. GADOTTI (2000) mostra bem esta questão quando afirma que:

No mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular. (GADOTTI, 2000, P. 32)

Na próxima atividade trabalhamos com receitas, mostrando aos alunos como usamos as medidas no nosso dia-a-dia, tais como as das embalagens de produtos, dando como exemplo a receita de um bolo. No segundo momento dividimos os alunos em 3 grupos e cada equipe ficou encarregada de seguir uma receita e trazê-lo no dia seguinte, as receitas foram de um bolo de milho, cocada e creme de galinha, eles adoraram a idéia por se tratar de uma aula totalmente diferente dos dias anteriores, todos ficaram empolgados e ansiosos para chegar logo o dia seguinte, para ver os resultados das receitas.

No dia seguinte continuamos com o conteúdo das medidas, os resultados das receitas do dia anterior, foi um sucesso. Todos falaram de suas experiências, vendo como a matemática está no dia-a-dia, e eles não se davam conta, depois dos depoimentos foi hora de provar as receitas, todas estavam simplesmente deliciosas. No segundo momento trabalhamos com poesia, com textos poéticos, identificamos as rimas, estrofes e versos, em seguida produzimos um poema e organizamos em um mural de poesia.

Na nossa próxima atividade trabalhamos com a produção textual em que cada aluno produziu um texto a partir de um outro texto dando um final diferente do texto original estimulando a criatividade do aluno e despertando o interesse pela escrita. Eles não gostam muito de escrever e sim de falar, quando passa para a escrita eles recusam um pouco, mas neste dia eles não reclamaram, pois se tratava de uma atividade diferente e eles adoram poder dar um final diferente em uma história, usaram e abusaram da criatividade.

No dia seguinte a Amizade e o preconceito foi o tema da aula, trabalhamos um texto reflexivo “O soldado de Guerra”, todos os alunos participaram e deram sua opinião sobre o texto deram, mas ênfase para o preconceito, pois muitos dos alunos sofrem com o preconceito, pois quase todos já são idosos e muita gente não respeita principalmente em filas e nas ruas e eles sentem na pele esta questão.

Neste dia a Tuberculose foi o tema da aula, tendo início com uma palestra e em seguida com uma dramatização: responsáveis a Secretaria da Saúde do município, composta por secretário da saúde, médico, enfermeiros, estagiários e agentes de saúde com exclusividade para os jovens e adultos.

Iniciando com a palestra, que tinha como objetivo mostrar as formas de se manter longe da tuberculose, e como agir caso venha a ter esta doença, finalizando a palestra com entregas de panfletos.

No segundo momento teve uma dramatização, “Tuberculose na vida de Rosa”, tendo como figurantes o pessoal da saúde, com o objetivo de mostrar como a tuberculose é uma doença perigosa e que pode levar a morte, caso não procure tratamento.

No terceiro momento pedimos aos alunos que fizessem um resumo de tudo o que eles entenderam sobre a tuberculose, suas causas, conseqüências, como evitá-las e como tratá-las.

No dia seguinte trabalhamos com o conteúdo: O que é viver em sociedade, dando ênfase para o processo histórico, social rumo à democracia, começamos com uma roda de discussão e participações dos alunos fazendo comparações de situações sociais do passado com o presente, como o cidadão ao longo do tempo vem conseguindo exercer os seus direitos, suas conquistas e lutas por uma sociedade justa e igualitária.

No segundo momento pedimos aos alunos uma lista de nomes de coisas que faltam para que eles possam exercer de fato os seus direitos e deveres de cidadãos e cidadãs brasileiros e ficamos surpresos com os pedidos dos alunos, apesar de não terem conhecimentos da leitura escrita, mas tem um conhecimento e leitura do mundo muito grande, é um ser pensante que tem um raciocínio extraordinário, cheios de personalidades que sobressaem, que dão forma

expressa ao pensamento comum. É nesta linha de pensamento que PINTO (1997, p.83) afirma que:

O educador tem de considerar o educando como um ser pensante. É portador de idéias e um produtor de idéias, dotado freqüentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente de em sua conversação, em sua critica aos fatos, em sua literatura oram. O que ocorre é que em presença do erudito arrogante, "culto" (o "doutor"), o analfabeto se sente inferiorizado e seu comportamento se torna retraído. (PINTO, 1997, P. 83)

No dia seguinte trabalhamos com ortografia com o objetivo de trabalhar a coordenação motora e de despertar o interesse pela a escrita. A princípio começamos com o caderno de ortografia e depois partimos para a elaboração de dois ditados: o relâmpago e depois a escrita de um texto, desta forma, conseguimos trabalhar a coordenação motora de despertar no educando o interesse pela a escrita.

No próximo dia Folclore e datas comemorativas foram os conteúdos dados nesta aula, começamos pelas principais datas comemoradas no nosso país, sua importância e o que significa para a nossa cultura, com confecção de um caderno contendo as principais datas comemorativas na seqüência procuramos resgatar algumas antigas cantigas folclóricas. Aos poucos foram surgindo as cantigas, os alunos foram vencendo a timidez, tornando-se assim um momento de diversão e de grande aprendizagem.

Continuamos as nossas atividades trabalhando com textos jornalísticos, dando ênfase para os jornais escritos, explicando como ler e interpretar dados, informações, fotografias entre outros. Partimos do conhecimento prévio do aluno, depois trabalhamos em equipe, dividindo os alunos em grupo de três alunos, entregamos manchetes de jornais e pedimos que lessem e apresentassem sobre o assunto da manchete, as equipes saíram-se muito bem, a timidez e o medo de falar em publico já não é mais problema, eles ficaram calmos e seguros do que estavam falando.

Em outra atividade exploramos e construímos calendário, foi o conteúdo da aula, neste dia começamos com o conhecimento prévio do aluno, depois aprofundamos mais o conteúdo sobre suas regularidades e principalmente sobre a localização e previsão de datas passadas e

futuras. Para que o estudo fosse mais trabalhado trouxemos calendários antigos de anos diferentes para que o educando pudesse comprovar as regras do calendário;

No segundo momento fizemos uma oficina e elaboramos um calendário do próximo ano, cada equipe fez o seu calendário. Ficamos satisfeitos com os resultados obtidos e por mais um dia de dever cumprido.

Neste dia trabalhamos com o assunto: Meio ambiente, com o conteúdo situação geográfica no ambiente, que teve como objetivo de saber se localizar numa posição geográfica e de proporcionar ao educando a oportunidade de conhecimentos da importância de saber sobre a região onde vive.

Para que os objetivos fossem atingidos começamos com aula expositiva e dialogada dando oportunidade aos alunos para suas indagações sobre o assunto posto.

Por fim pedimos aos educando que fizessem um mapa, com pinturas, desenhos, mas que mostrasse o percurso da cada do educando até a escola, colocando legenda. Neste dia os alunos pareciam até crianças desenhando casas, árvores, dando asas a sua imaginação.

No outro dia começamos a aula com um texto reflexivo que tem como tema: “As crias”, um texto que retrata bem a questão do preconceito contra pessoas portadoras de deficiência física. Teve os comentários e críticas a respeito do preconceito e em seguida demos continuidade à aula com o conteúdo: A minha escola é assim, todos fizeram uma narração de como era a escola; alguns chegaram até comentar sobre a origem da escola, alguns funcionários que por ela já passaram.

No dia seguinte trabalhamos com o conteúdo educação para o trânsito tendo como ponto de partida a origem dos símbolos e as regras e os sinais de trânsito, depois de ter feito um conhecimento prévio do aluno sobre quais as placas e sinais de trânsito eles mais conheciam, passamos para eles alguns modelos de placas mais importantes e mais conhecidas no trânsito. Em outro momento pedimos que eles confeccionassem um semáforo com os significados de cada cor. Por fim teve o momento de minha despedida, pois era o meu último dia como estagiária, foi até um pouco difícil, pois já havia me apegado a eles.

Em suma foi uma experiência incrível que jamais esquecerei o carinho e o afeto que todos me receberam, restando apenas só agradecer a toda a escola por terem proporcionado essa tão maravilhosa experiência.

CONCLUSÃO

A evasão escolar dada a sua importância e gravidade tem demandada um profundo conhecimento de suas causas, na perspectiva de se desenvolver possíveis soluções para esse problema. E assim tem havido uma grande produção de estudos a esse respeito. No entanto, esses estudos tem sido direcionados quase sempre para a evasão e o fracasso escolar na educação infantil. Quanto à presença desse fenômeno na escolarização de jovens e adultos apesar de sua constatação nas mais diversas experiências, seu estudo ainda é incipiente e tem sido abordado juntamente com os demais problemas enfrentados na educação de adultos.

Diante desse quadro de incerteza não poderíamos negar que a todo custo, as políticas educacionais apelam para a melhoria da qualidade de ensino. Estamos cercados de apelos à qualidade e nós enquanto educadores nos inquietamos a buscar por direções nessa fase crítica do ensinar e principalmente do formar, na perspectiva de atender as exigências da sociedade contemporânea. Eis uma grande questão: de retomar, revisar, reinventar e reconstruir, tomando se assim um grande desafio para os educadores da educação de jovens e adultos.

Hoje sofremos conseqüências de uma realidade histórica excludente, onde a maioria dos jovens e adultos sofrem pela falta de leitura e da escrita, ou seja, são prejudicados na qualidade de vida. Estamos no século do conhecimento, mais e mais saberes aliados a competências tornar-se-ão indispensáveis para a vida cidadã.

Cabe ressaltar que minha experiência durante todo este estudo foi para mim um momento ímpar que veio contribuir para a minha formação acadêmica, dando a oportunidade de por em prática toda a teoria que até então tinha adquirido no Curso de Pedagogia, tendo todos os objetivos atingidos, onde tive a oportunidade de trabalhar com os alunos da EJA e que tinha como finalidade identificar as reais causas que geram a evasão dos jovens e adultos frente aos programas e campanhas de alfabetização e ver o quanto eles se esforça para permanecer na escola vencendo o preconceito e o cansaço de mais um dia de trabalho, e o quanto a professora se esforça para que eles possam vencer todos estes obstáculos, procurando sempre desenvolver uma pedagogia renovadora apropriada para eles..

Durante este curso, período do estágio, não pude deixar de perceber que a igualdade e liberdade tornam-se os pressupostos fundamentais do direito à educação, pois o acesso ao conhecimento sempre teve um papel significativo na estratificação social. Ser privado do acesso à cultura letrada é de fato, a perda de um instrumento imprescindível para a busca de uma sociedade menos desigual e mais justa. Uma vez que se acendeu a chama da busca de novos conhecimentos, pois vivemos num mundo em constante mutação e em virtude disto, não pretendemos atribuir a etapas desde estudo um caráter acabado, com verdade única. Neste sentido, através deste estudo chegamos a conclusões possíveis, pois na realidade em que vivemos exige transformações constantes.

Acreditamos, porém que o caminho se faz ao andar e que possibilidades existem, fazendo-se necessário um maior engajamento das partes envolvidas neste processo tão árduo e completo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL (Brasília). Ministério da Educação e Cultura. **Educação para Jovens e Adultos, Ensino Fundamental: Proposta Curricular – 1º segmento 4ª ed.** São Paulo: Ação Educativa, 2001. 237 p.
- BARBOSA, José da Silva. **Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização.** 1ª ed. João Pessoa – PB: FACED – EFC, 2002.
- FERNANDES, Dorgival Gonçalves. **Alfabetização de Jovens e Adultos: Pontos Críticos e Desafios.** Porto Alegre: Mediações, 2002.
- FONSÊCA, F do N. **Fatores determinantes da evasão numa experiência de educação de adultos trabalhadores: Um estudo de caso.** João Pessoa, 1996. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Paraíba.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam 41ª ed.** São Paulo: Cortez, 2001.
- HAERTER, Leandro. **O desafio é educar para a inclusão.** Revista Mundo Jovem. Agosto, 2004. p.11.
- HARA, R. **Alfabetização de Adultos: ainda um desafio.** 3ª ed. São Paulo: CEDI. 1992.
- KRUPPA, Sonia M. Portella. **Economia, solidariedade e educação de jovens e adultos.** Brasília: Inep. 2005, 104 p.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Pesquisa Educacional. O prazer de conhecer.** Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, VECE, 2001.
- MELLO, G. N de. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** Introdução e entrevista de Dermeval e Betty Antunes de Oliveira: versão final revista pelo autor – 10 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- RAMÍREZ, G. Maria Del Sagrario. **Métodos de Educação de Adultos: Tradução: Valeriano de Oliveira e Luiz João Gaio.** São Paulo: Loyola, 1975. 280 p.
- REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da Educação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de Jovens e Adultos. Diretrizes Curriculares Nacionais.** Rio de Janeiro, DP & A, 2002.

TORRES, R. M. **Ações nacionais de alfabetização de adultos na América Latina: uma revisão crítica.** Alfabetização de adultos na América Latina. Cadernos de Educação Popular, Petrópolis, n 17, 1999. Tradução de Ângela Melim.

_____ **Pedagogia do oprimido** 17^a ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.

ANEXOS

Universidade Federal de Campina Grande
Departamento de Educação
Campus V de Cajazeiras
Curso de Pedagogia
Disciplina: Práticas Docentes
Professora: Janete
Aluna: Solange Coelho Batista

Entrevista (EJA)

Nome da escola:.....

Coordenador(a): () Professor(a): () Aluno(a): ()

Nome completo:.....

Sua escolaridade:.....

Há quanto tempo trabalha na EJA:.....

1-Que tipo de projeto a escola faz para conter a evasão escolar na EJA?

2-No dia-a-dia como você lida com os professores e alunos da EJA?

3-De que materiais a escola dispõe para os professores da EJA?

4-Quais as medidas tomadas para a escola para preparar e ingressar o aluno da EJA no mercado de trabalho?

5-Quais as principais dificuldades que você enfrentou na sua gestão? E como você solucionou?

Universidade Federal de Campina Grande
Departamento de Educação
Campus V de Cajazeiras
Curso de Pedagogia
Disciplina: Práticas Docentes
Professora: Janete
Aluna: Solange Coelho Batista

Entrevista (EJA)

Nome da escola:.....

Coordenador(a): () Professor(a): () Aluno(a): ()

Nome completo:.....

Sua escolaridade:.....

Há quanto tempo trabalha na EJA:.....

1-Você encontrou algum desafio na EJA? Quais?

2-Quais são os tipos de metodologia que você usa para envolver os alunos nas atividades escolares?

3-De que forma você avalia os seus alunos?

4-Que contribuições você dá para evitar a evasão escolar em sua sala de aula?

5-De que forma você participa da construção do P.P.P. da EJA?

Universidade Federal de Campina Grande
Departamento de Educação
Campus V de Cajazeiras
Curso de Pedagogia
Disciplina: Práticas Docentes
Professora: Janete
Aluna: Solange Coelho Batista

Entrevista (EJA)

Nome da escola:.....
Coordenador(a): () Professor(a): () Aluno(a): ()
Nome completo:.....
Série:..... Idade:.....

1-A escola está lhe proporcionando um ensino satisfatório as suas necessidades?

Sim () Não ()

Caso a resposta seja sim, Quais? _____

2-Você chegou a freqüentar a escola quando criança?

Sim () Não ()

Quantos anos? _____

3-Você já enfrentou algum tipo de preconceito por não ser alfabetizado?

Sim () Não ()

Quais? _____

4-Quais foram os motivos que fizeram você a voltar para a escola?

5-Cite algumas dificuldades que você enfrenta no seu dia-a-dia por não saber ler?

